MARTELLOTTA

450 anos de histórias de uma família italiana na *Vecchia Botta* e na *'Mérica*

por André Martellotta, filho de Walter, neto de Ernesto, bisneto de Vincenzo, trisneto de Giuseppe, tetraneto de Antonio, quinto-neto de Vincenzo...

São Paulo, outubro de 2022

Termine primeiro o seu trabalho a céu aberto; deixe pronta a sua lavoura. Depois constitua família.

Provérbios 24:27

ACESSSE WWW.FAMILIAMARTELLOTTA.COM.BR

ANTECEDENTES

Origens do sobrenome

A tradição "fulano filho de sicrano", chamada patronímica, vem desde tempos imemoriais. Temos como exemplo os sobrenomes anglo-saxões terminados em son (filho), como Anderson (filho de André). Temos também os sobrenomes eslavos terminados em ic (Petrovic – filho de Pedro), portugueses terminados em es (Antunes), espanhóis terminados em ez (Fernandez) e italianos terminados em i (Giuliani). Obviamente, esses sobrenomes perderam sua função patronímica há muito tempo, se tornando sobrenomes de família. Outros tipos de sobrenomes são os toponímicos (de lugar), como Silva (selva) e Oliveira, de características físicas como Grassi (gordo) e Young (jovem), religiosos como dos Santos e dos Anjos, zoonímicos como Leão e Galo e de ofícios como Smith (ferreiro) e Martellotta.

Os sobrenomes modernos começaram a surgir por volta dos séculos IX e X, com o surgimento de uma nova ordem social e crescimento dos centros urbanos. Na Itália, o uso de

sobrenomes é inicialmente exclusividade de famílias ricas, mas em 1200 em Veneza e no século seguinte em outras regiões, ainda que com alguma resistência e demora, o uso se estendeu às camadas menos abastadas da população. Com o Concílio de Trento de 1564, foi sancionada a obrigação dos párocos de manterem um registro ordenado dos batismos com nome e sobrenome, para evitar casamentos entre parentes. O sobrenome, ou nome do meio, tornou-se, por fim, hereditário.

O sobrenome Martellotta é originário da Apúlia (salto da Bota). Provavelmente da comune de Alberobello, que fica no interior a 70 km de Bari, de onde partiram muitos Martellotta para o mundo. Alberobello é la cittá dei trulli, que são antigas construções de pedra com telhados cônicos. Lá, encontramos várias ruas e praças com o sobrenome.

Na França, onde os sobrenomes já eram usados há mais tempo, temos o caso de Martel, do dialeto francês medieval (caso do famoso Charles Martel da dinastia carolíngia e avô de Carlos Magno) e temos também os sobrenomes normandos Martelot e Marthelot, todos derivados de Marteau (martelo). Os normandos chegaram no sul da Itália a partir da Apúlia no final do século X, retornando da Terra Santa, pouco antes da I

Cruzada, o que reforça a teoria de que Martellotta é originário desses últimos sobrenomes.

O sobrenome e suas variações estão assim distribuídos no Sul da Itália:

- Martilotti: 42 famílias na Calábria (41 em Cosenza - interior); 7 famílias na Apúlia.

- Martilotta: 10 famílias na Calábria (todas em Cosenza - litoral); 1 família na Basilicata; 1 família na Campania.

- Martellotta: 10 famílias na Calábria (9 em Cosenza - interior); 230 famílias na Apúlia; 1 família na Basilicata; 30 famílias na Campania.

Segundo o Dicionário das Famílias Brasileiras, é um sobrenome retirado de uma profissão, composto de martello com o sufixo otta, que transmite a ideia de oficio. Se refere ao fabricante e mercador desse utensílio e também ao guerreiro que lutava com ele (já que Marte é o deus romano da guerra). O instrumento martelo é usado como prefixo para vários sobrenomes espalhados de Norte a Sul da Itália, como Martellaci, Martelletti, Martellato, etc. Cada um se refere à uma família diferente.

A grafia mais antiga já encontrada para o meu sobrenome é Martilotto, no século XVIII. Seria derivada do espanhol martillo (martelo). Isso pode se dever ao fato do sul da Itália ter sido dominado pelos espanhóis durante todo aquele século. Existem muitas variações desse sobrenome, como Martellotto, Martelotti, etc. Mas é muito provável que a grafia correta atual seja mesmo Martellotta. Porém, caso a pessoa se naturalize italiana, deverá usar o sobrenome Martillotta, a grafia antiga da época espanhola, que era vigente quando os registros civis começaram. Além da Itália, o sobrenome está espalhado pelo Brasil, Argentina, Estados Unidos, França, Austrália, Bélgica, Suíça, Inglaterra, Alemanha, Luxemburgo, Escócia, Espanha e Uruguai.

Martellotta na Calábria

O início

O sobrenome teve origens na Apúlia, provavelmente em meados do século XVI, com o Concílio de Trento. Os primeiros registros das famílias Martellotta encontrados na Calábria são do início do século XVIII, o que não significa que a família não estivesse lá antes. Ou seja, podem ter surgido independentemente da região vizinha, embora seja pouco provável. Porém, isso só será conhecido pesquisando-se os registros de batismo da Igreja, com autorização, uma vez que os registros civis em cartório só começaram no início do século XIX.

Esses primeiros registros foram encontrados através dos processos de casamento dos casados no século XIX com pais falecidos, pois as certidões de nascimento e morte transcritas deveriam ser anexadas ao processo, todas em latim. Por não ser nobre, é muito provável que encontremos o 1º Martellotta logo pós o Concílio de Trento, de 1564, que exigiu um sobrenome de família. Pode ter surgido em Alberobello, Apúlia, se espalhado pela região e migrado para a Calábria, na

região de Cosenza. Houve uma grande migração da Apúlia para a Calábria durante os séculos XVII e XVIII devido às condições econômicas, superpopulação, conflitos e oportunidades agrícolas.

Nesta região, entre as vizinhas litorâneas Cetraro, Acquappesa e Guardia Piemontese, encontramos ramos da família que devem convergir para um ancestral em comum: Biaggio (ou Biase), nascido no final do século XVII com o sobrenome Martilotto (devido à influência espanhola já descrita). Provavelmente foi um dos primeiros nascidos na recém fundada Casaletto (atual Acquappesa), que parece ser o "berço" dessa família na Calábria. Porém, existe um ramo que parece ser independente na *comune* (pequena cidade) de Lago, também em Cosenza, com o sobrenome também grafado como Martilotto. Alguns dos primeiros nomes dessa família de Lago no início do século XVIII foram Felice, Muzio e Bruno. As famílias se dividiam muitas vezes devido aos segundos casamentos ou relacionamentos extraconjugais.

Biaggio teve um filho chamado Bernardo, que nasceu por volta de 1710 em Casaletto. Bernardo casou-se com Barbera Mollo, de onde nasceram Serafino, Gennaro, Cristofaro,

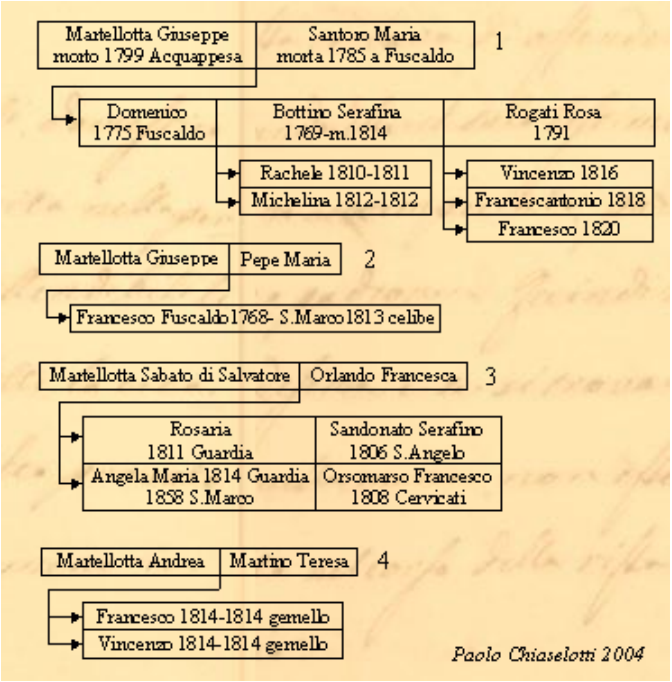
Saverio e Anna. É muito provável que Bernardo tenha tido um irmão de nome Angelo, nascido por volta de 1720 em Casaletto. Angiolo aparentemente se casou três vezes, sendo a primeira com Rosa Pepe, de onde nasceu Carmina em 1748 em Cetraro e possivelmente Biase, nascido um pouco antes no mesmo local.

Bernardo e Angiolo também devem ser parentes próximos de Giambattista, Stefano e Sabato, nascidos entre 1733 e 1750 nas mesmas três cidades já citadas. Alguns descendentes de uma família tiveram relacionamento com a de outra, o que só demonstra que eram próximos. Além disso, as cidades eram pequenas demais para terem ramos independentes da família. Podemos dizer que aqui a família se divide em "angelinos" e "bernardinos".

Biase, que deve ser o neto do seu homônimo do século XVII, é nascido por volta de 1740 em Cetraro, vizinha a Casaletto (atual Acquappesa), sendo provável filho do primeiro casamento de Angiolo. Deve ter sido pescador ou trabalhador do mar, assim como seus filhos Vincenzo e Angelo, que também nasceram lá, além de sua filha Candida. Em Casaletto, nascem Biase (mais um) em 1798, Antonio em 1804 e Fortunata Nicoletta em 1807, filhos de Vincenzo.

Por volta de 1810, Vincenzo filho de Biase partiu para Santa Caterina Albanese, uma pequena cidade mais para o interior, de forte influência albanesa. Lá nasceram Filippo, em 1812 e Carlo Maria em 1816. Nesse mesmo momento, o sobrenome Martillotta aparece em San Marco Argentano pela primeira vez em um registro de nascimento de 1810 e no de casamento em 1815. A cidade ainda era chamada de Sammarco e é vizinha a Sta. Caterina Albanese. A primeira morte de um Martillotta foi registrada em 1811. Os documentos dizem-nos que Domenico, o primeiro Martillotta que foi a San Marco, era da comune de Fuscaldo, próxima de Acquappesa. Domenico era filho de Giuseppe, que por sua vez era filho do terceiro casamento de Angiolo, sendo então "meio primo" de Vincenzo. Os dois (Vincenzo e Domenico) devem ter partido do litoral para o interior na mesma época.

Outro pioneiro de San Marco foi Sabato, filho de Salvatore, que por sua vez era filho de outro Sabato, provável parente dos demais. Essas pessoas e seus descendentes não tiveram mais registros em San Marco Argentano a partir de 1838. Quase todos os filhos morreram pequenos, provavelmente pela seca e malária. Podem ter sido colonos ou meeiros (dividiam os ganhos com o proprietário).



Os Martellotta originais de San Marco Argentano

Muito tempo depois, em 1873, encontramos novamente este sobrenome em certidão de casamento. Essa seria a primeira família Martellotta a ter descendência duradoura em San Marco Argentano. Eram três irmãos (Giuseppe, Nicola e outro Carlo Maria), filhos de Antonio e Maria Ambrosio. Antonio é filho de Vincenzo citado acima e que nasceu por volta de 1804 em Casaletto (atual Acquappesa). Giuseppe, Nicola e Carlo Maria

são nascidos na *contrada* (distrito) de Ioggi, em Santa Caterina Albanese, vizinha a San Marco. Todos devem ter se mudado juntos no final da década de 1860, pois Antonio morreu em S. Marco em 1871, já casado com outra esposa devido à provável morte de Maria Ambrosio.

Giuseppe se casa com Angela Zavatto em 1873, nascendo meu bisavô Vincenzo (seus irmãos mais velhos morreram ainda crianças). Em 1875, Carlo Maria se casa com Maria Rosalia Giulia Grecco, nascendo Luigino. Algum tempo depois, aparece Nicola Maria, que tem o 1º filho Antonio com Carmela Perrone. Os três primos nasceram no mesmo ano de 1879. Foi nessa década que o sobrenome passou a ser Martellotta nos registros.

Giuseppe e Nicola se estabelecem em Iotta, zona rural de San Marco, enquanto Carlo pode ter se estabelecido em Sagramento, outro distrito de San Marco. Todos como *bracciali* (trabalhadores agrícolas), sendo as esposas geralmente *filatrici* (costureiras). Nicola migraria para o Brasil em 1883 e Carlo logo depois.

Embora Santa Caterina fosse fundada por albaneses, os três irmãos viviam em Ioggi, que é um pequeno distrito de

influência grega a caminho de San Marco. Por isso, não deve haver parentesco com albaneses, visto que emigraram da Albânia muito tempo antes (nos séculos XIV e XV), e têm uma cultura própria (Arbëreshë, albaneses italianos).

Como já visto, Giuseppe e Carlo Maria se casaram na década de 1870 em San Marco e, a partir daí, a maioria dos descendentes carregaram o sobrenome com a grafia Martellotta e passaram a ser *contadinos* (pequenos agricultores). Naquela época, eram raros os pobres que não eram colonos ou meeiros (dividindo os ganhos com o proprietário) ou *bracciali*, que são trabalhadores agrícolas assalariados de alguma fazenda a valores miseráveis. Uma possibilidade de ascensão era através da chamada terra *demaniale*, de propriedade direta do governo, ou através de desapropriações de proprietários particulares ou da Igreja. Através de sorteio, essa terra era repassada ao colono para cultivo, mediante pagamento de anuidades. Houve um sorteio desses em outubro de 1863 em San Marco. Com o tempo, através de cessões, trocas, partilhas, matrimônios, abandonos, inadimplências, entre outros, essas terras poderiam ir mudando de dono. Uma última alternativa era o arrendamento direto com o proprietário, através do pagamento de aluguel.

Ficou mais fácil adquirir terras somente após a 1ª Guerra Mundial e a reforma agrária só foi ocorrer nos anos 1950.

Muitos emigraram. Encontrei a trisneta de Nicola, Amalia Langella, no Facebook. Ela é proprietária do restaurante e pousada L'Europa em Iotta. Outro trisneto de Nicola, Francesco Martillotta (mesmo nome do avô citado abaixo) é nascido lá, mas vive na Sicília.

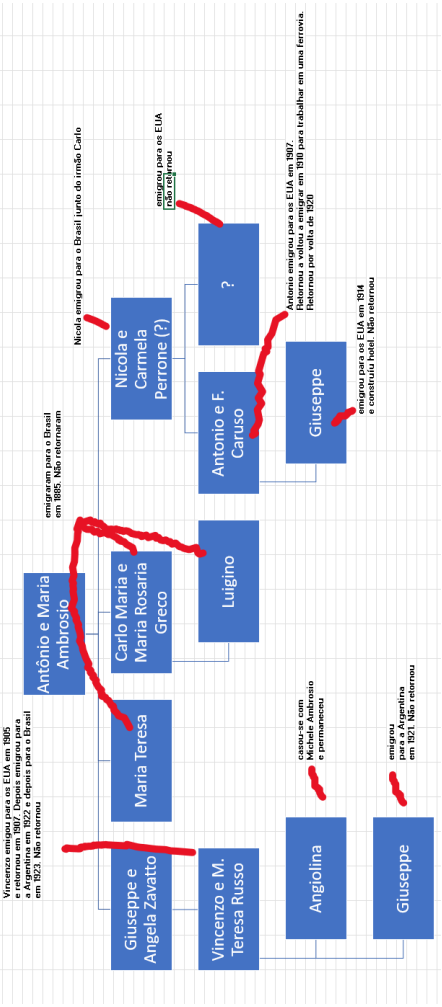
Amalia e Francesco dizem que os antepassados não eram colonos, mas é possível que tenham adquirido a terra somente após a reforma agrária ou quando o bisavô Antonio retornou dos EUA. Os terrenos são vizinhos ao restaurante. Amalia reside hoje na casa que foi a cantina de seu bisavô Antonio.



Francesco Martellotta, nascido em 1902

Bisneta brasileira de meu bisavô Vincenzo, Janina visita o lugar regularmente e conhece Michele, único filho de Francesco ainda vivo e neto de Antonio. O primo de meu bisavô nasceu em 1879 e teve vários filhos: Giuseppe, Michele, Emilia, Carmela, Fiorina, Francesco e Teresina. Francesco ainda foi casado em segundas núpcias com outra Teresa. Sendo assim, toda a família em Iotta (zona rural de San Marco Argentano) é

do ramo do primo de meu bisavô Vincenzo, sendo que tanto o ramo dele quanto o de Carlo Maria são praticamente desconhecidos por lá, por terem migrado há muitos anos (embora Aldo, pai de Janina, diga o contrário).

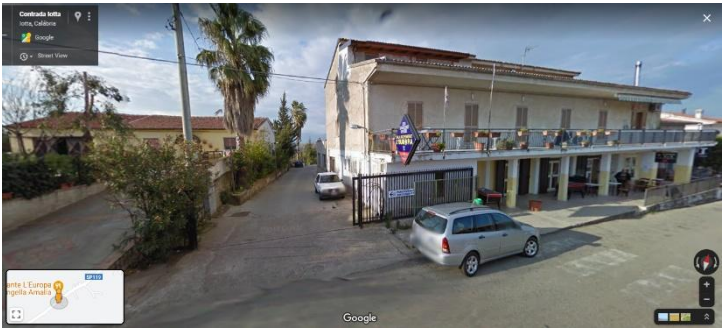


Árvore da família em San Marco Argentano no fim do século XIX

Janina também diz que plantavam azeitonas, uvas, figos, trigo, ervilhas, favas, berinjela, pimentão, maçã e caqui. Faziam o próprio óleo de oliva e vendiam tudo nas feiras de Iotta ou na principal, em San Marco. Tinham bois, carneiros e ovelhas também.



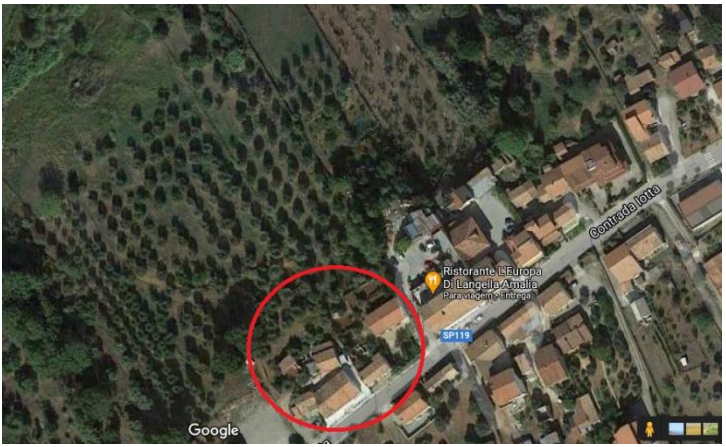
Michele, filho de Francesco, mostra cesta com avelãs



Restaurante de Amalia e casa de Michele à esquerda, que foi de seu pai Francesco



Casas de Antonio primo de Vincenzo, vizinhas a de Michele



Restaurante L'Europa e casas da família. Os terrenos com as plantações se estendem ao fundo

Em Ioggi, distrito de Sta. Caterina Albanese de onde vieram os pais e tios de meu bisavô Vincenzo, encontra-se pelo menos um Martellotta: Giacomo. Encontrei seu filho Michele no Facebook e descobriu-se que são do ramo de Filippo, outro irmão de Biase e Antonio de Casaletto do começo do século XIX, conforme já citado. Filippo já nasceu em Ioggi e, junto de Biase, ajudaram a povoar a cidade após o fim do sistema feudal, por volta de 1806, pois tiveram grande descendência por lá.

É preciso entender que, naquela época, as famílias que viviam no campo iam muito pouco para a "cidade". Por isso, o nome da comune é apenas uma referência, pois viviam mesmo dentro de seus vilarejos, indo para a cidade apenas para vender e comprar os produtos de que precisavam.



Possível brasão da família

As *comunes* da família

San Marco Argentano, Santa Caterina Albanese, Acquappesa e Cetraro

É certo que a Sibaritide, a área em torno de San Marco Argentano, que dela faz parte, foi habitada pelo homem desde o Neolítico, já que numerosas descobertas atestam isso. Portanto, a presença do homem primitivo na área é certa. O sítio arqueológico neolítico de Torre Mordillo fica a pouco mais de 10 km de San Marco Argentano.

O traçado urbano e monumentos de San Marco devem-se a chegada dos normandos no século XI. Tinha economia essencialmente agrícola no final do século XIX e durante boa parte do século XX. A cidade era chamada de Sammarco até 1872, quando passou a ser San Marco Argentano graças a antiga cidade de Argentanum que existia lá, citada já na época de Cristo pelo historiador Tito Lívio. Não tem relação com minas de prata, ou argentum em latim, razão pela qual a Argentina se chama assim.

A cidade hoje tem cerca de 7.500 habitantes. No final do século XIX tinha cerca de 5.500. As principais festas são:

- 25 de abril: Festa patronal de San Marco Evangelista.

- 13 de junho: Festa de Santo Antonio de Pádua.

- 28 de agosto: Festa de San Francesco di Paola, co-padroeiro de San Marco Argentano.

- Terceiro domingo de agosto: jogo de xadrez figurativo "The King's Game" (reprodução de uma batalha em um tabuleiro de xadrez gigante com peões humanos em roupas históricas).

- Final de agosto: Sagra della Fresa Cunzata, Festa da Fresa (pão cozido duas vezes)

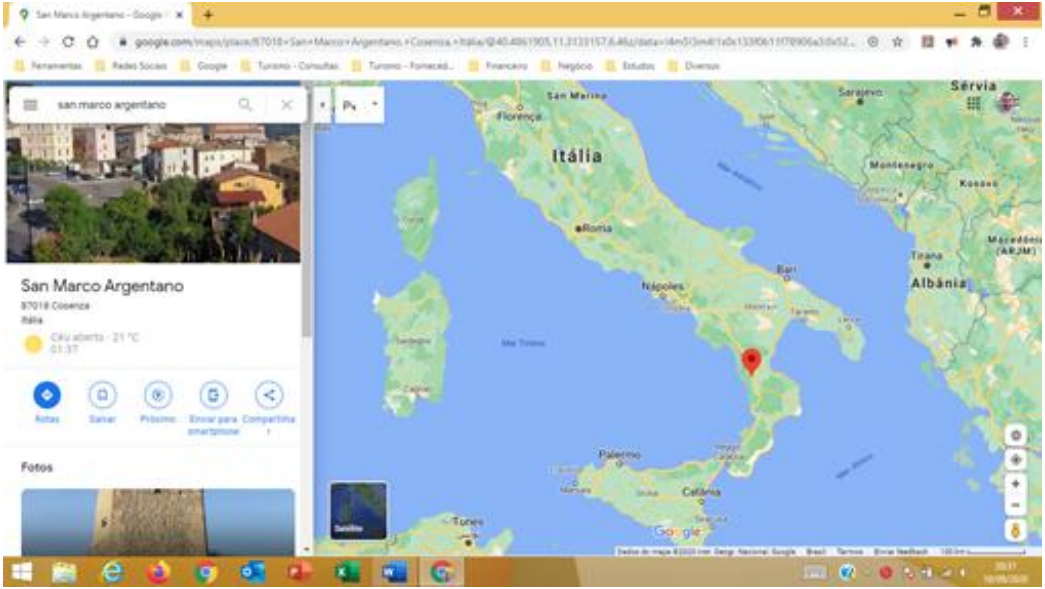
Já Santa Caterina Albanese foi uma colônia albanesa do século XV de refugiados da invasão turca-otomana nos Balcãs, bem menor do que San Marco (hoje tem apenas 1.200 habitantes). Possui um pequena *contrada* (distrito) de origem grega chamada Ioggi, que fica vizinha à San Marco Argentano.

Acquappesa tem origens relativamente recentes: surgiu, de fato, entre o final de 1600 e o início de 1700 com o nome de "Casaletto ou Casalicchio" e foi uma das muitas pequenas aldeias conhecidas sobre os centros habitados da Calábria Citeriore chamado "Casali". Os eventos históricos da cidade estão ligados a Terme (Termas) Luigiane, no qual exerce o poder territorial com seu próprio direito 'ab antiquo', como resultado do Decreto de 8 de Fevereiro de 1835 do Rei Fernando II de Bourbon, mas que foram atribuídos também ao município vizinho de Guardia Piemontese. Até 1927 Acquappesa era governado independentemente, então foi unificado com Guardia Piemontese. Em 1943, os dois municípios se dividiram novamente. Frações de Acquappesa são os centros habitados de Intavolata e Terme Luigiane. Hoje tem cerca de 2.000 habitantes.

Por último, Cetraro foi provavelmente a primeira cidade marítima bruzia (antigo povo que dominava a região, antes dos romanos). O centro histórico está cheio de ruas estreitas, arcos e vistas sugestivas. O acesso à cidade é através dos três portões: Mare, Basso e Sopra, que testemunham a época em que Cetraro era uma cidade fortificada. Alguns dos principais monumentos estão localizados em praças características com nomes sugestivos: "a giorgia", que já foi sede do mercado, "miezzu a curta" localizado no centro da antiga vila.

A cidade foi doada pela Duquesa Sichelgaita, segunda esposa de Robert Guiscard, ao abade Desiderio IV Epifanio di Montecassino, para agradecê-lo pelos bons cargos dados por este último a Melfi quando os normandos se reconciliaram com o Papa Leão IX. De 1086 a 1810 Cetraro foi governado pelos beneditinos de Montecassino. Atualmente é a maior das 4 cidades, com cerca de 10.000 habitantes.

Localização de San Marco no marcador



Trajeto entres as comunes

Distritos de Iotta, Mancino e Ghiandaro

Essas são pequenas contradas (distritos) vizinhas, a cerca de 5 km de San Marco. Iotta foi onde os dois irmãos Giuseppe e Nicola se estabeleceram vindos da vizinha Ioggi, em Santa Caterina Albanese, no final da década de 1860. Suas terras pertenciam ao proprietário Don Luigi Valentoni, mas sujeitas a uso público desde 1819 (ou seja, desmembradas e disponibilizadas para quem pudesse adquiri-las). Em 1863, houve um sorteio e as terras de Iotta e Mattina foram divididas entre 21 famílias. Das citadas abaixo, somente Cipolla estava entre elas, o que é algo curioso, pois era de se esperar que esses sorteados se assentassem na localidade. Isso pode se explicar pelas mudanças ocorridas com o tempo, através de cessões, abandonos, entre outros.

Estes são os sobrenomes que foram registrados lá a partir da segunda metade do século XIX: Ambrosio, Bianco, Bruno, Cipolla, Crivella, Esposito, Gallo, Gualano, Intrieri, Martellotta, Mazzei, Onorato, Petrasso, Picarelli, Porto, Potente, Russo, Spaccarotella, Sperlongo ou Sperlungo, Stummo, Turano, Vizza, Vuoto, Zarrelli, Zavatto. As famílias Ambrosio, Russo e Zavatto formaram família com os Martellotta. Naquela época, os casamentos muitas vezes eram "arranjados" pelos pais, assim que a mulher já tivesse condições de parir. As famílias combinavam entre si, por isso alguém da família da mãe do marido poderia vir a se casar com o irmão da esposa, por exemplo.

Já Mancino foi onde meu bisavô Vincenzo se estabeleceu após o primeiro casamento, próximo a Iotta. Quando a primeira esposa faleceu, já viviam em Ghiandaro, um

pouco depois e escassamente povoado na época. Lá havia nascido Rosa, a segunda esposa. Ficaram ali até emigrarem em definitivo para a América do Sul (embora Vincenzo tenha estado nos EUA boa parte desse tempo). As terras de Ghiandaro e Stamile pertenciam a Família La Regina, o que indica que podem ter sido colonos ou meeiros (dividiam os ganhos). A casa de campo dessa família ainda existe em ruínas, onde muitas vezes traziam convidados. Era uma família de alto escalão, não nobre, mas rica certamente. As casas dos colonos ou camponeses eram na maior parte com tijolos de terra misturados com resíduos vegetais cozidos ao sol. A grande maioria já não existe hoje. As terras passaram a ser de uso cívico (público) apenas na década de 1930.



Ruínas da casa de campo da Família La Regina em Stamile/Ghiandaro (foto de Paolo Chiaselotti)